



RAYMUNDO DA COSTA CHAVES*

1919 - 1960

Luiz Cláudio Lopes Chaves

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Raymundo da Costa Chaves nasceu na Vila do Mosqueiro, pertencente ao município de Belém do Pará, em 28 de janeiro de 1919, filho de Abel Augusto de Vasconcelos Chaves e de Anésia da Costa Chaves.

Iniciou o curso primário no município de Viseu (Pará), concluindo-o em Belém em 1930, no então Ginásio Estadual Paes de Carvalho. Foi também aluno do Colégio Progresso Paraense, retornando depois ao Paes de Carvalho, único estabelecimento de ensino no Pará que ministrava então o curso científico modalidade pré-médico, após o que se submeteu em 1939, ao exame vestibular à Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará.

Na Faculdade, teve intensa e permanente atuação política, como membro do Diretório Acadêmico e, concomitantemente, da União Acadêmica Paraense, com participação em congressos e outros eventos, tanto no Estado como no âmbito federal, já indicando o caminho que palmilharia mais tarde na vida pública, como Prefeito Municipal e Deputado Estadual.

* *Esborço biográfico extraído do elogio proferido pelo autor ao Patrono da Cadeira de número 17 da Academia de Medicina do Pará, em sessão solene realizada à noite de 26 de junho de 1993 e publicado no volume 4 dos Anais de nosso silogeu.*

Graduou-se, com grande aproveitamento, em dezembro de 1944. Corajosamente, tomou a decisão de começar sua vida profissional pelo interior do Pará, o que constituía à época quase que um degredo. Assinou contrato com a Estrada de Ferro do Tocantins para trabalhar na cidade de Alcobaça, atual Tucuruí, até então apenas um esquecido distrito do município de Baião, com apenas 1.738 habitantes recenseados.

A vida dura, áspera, sem a compensação de conforto e remuneração especial, não afetou o idealismo que o levava ao modesto hospital da Estrada de Ferro do Tocantins. Ali trabalhou com denodo exemplar por mais de um ano, até ser acometido de grave crise de apendicite aguda, que exigiu sua retirada de emergência pelo serviço de salvamento da Força Aérea Brasileira, até deixá-lo no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará, a fim de ser operado e salvo pela dedicação e competência do grande mestre Clóvis Meira.

Durante meses, em seguida, Raymundo Chaves exerceu sua Medicina em Belém, em estreita colaboração com seu antigo mestre e amigo Dr. Cruz Moreira.

Passou depois a trabalhar como médico da empresa norte-americana Hanna Steel Company, que fazia prospecção e medidas de jazida de minério de ferro no Território Federal do Amapá, então recém-criada. O primeiro Governador do Território, Capitão Janary Nunes, havia recrutado seleta equipe de profissionais nos campos da educação, saúde, administração e segurança para ajudá-lo na gestão do novo Território, missão a que se dedicou com invulgar competência, idealismo e probidade, deixando para sempre a marca de seu trabalho na obra que ali realizou.

Janary Nunes confiou a Raymundo Chaves a assistência à população abandonada e desprotegida do interior do Território, tarefa a que se dedicou nas horas livres, sem qualquer preocupação financeira, merecendo, ao retornar a Belém após deixar o emprego na Hanna, carta altamente elogiosa do governante, em agradecimento pela colaboração que lhe prestara.

Essa vocação incoercível o levaria depois à cidade de Óbidos, escolha baseada na orientação de amigos que conheciam sobejamente a região, principalmente seu ex-colega Dionísio Auzier Bentes, que havia servido como médico militar na 8ª Bateria Independente de Artilharia de Costa, e chamava sua atenção para o fato da existência ali do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Óbidos, onde poderia exercer sua especialidade de cirurgião.

Já não havia mais outra escolha a fazer, escolha que haveria de ser decisiva em sua vida. Fê-la consciente de que enfrentaria condições adversas, senão precárias, mas imbuído do firme propósito de alargar os horizontes de um trabalho obstinado em favor de comunidades carentes do interior de nosso Estado.

Óbidos cedo atraía-lhe a atenção por sua situação geográfica privilegiada, no ponto em que o rio Amazonas perde suas dimensões gigantescas para dar lugar a seu trecho mais estreito, e logo prosseguir, forte e indomável, após essa angustura. E, como a conquista do Amazonas fora sob muitos aspectos uma empreitada de caráter militar, Óbidos reunia condições bastante favoráveis à criação de um núcleo urbano. Surgira, então, a Casa Forte dos Pauxis, transformada à época do consulado pombalino em Vila de Óbidos. A região apresentara ao longo de décadas um desenvolvimento lento, porém seguro, chegando ao final do século XIX como uma das cidades mais importantes do chamado Baixo Amazonas, berço de ilustrada estirpe de paraenses, a que Arthur Reis denominou “A Galeria Pauxiana”, em que figuram entre outros, sem favor, José Veríssimo de Matos, Herculano Marcos, Inglês de Souza, Manoel Francisco Machado (o Barão do Solimões), o Conselheiro Romualdo de Souza Paes de Andrade, o Padre Raimundo Sanches de Brito e José Cavalcanti de Albuquerque.

Quando Raymundo Chaves ali chegou, Óbidos era, depois de Santarém, o núcleo político, social e econômico mais importante. Logo cuidou de dedicar-se, inteiramente, à profissão médica, abrindo consultório e assumindo a responsabilidade pelo antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que se encontrava então em precárias condições. Tratou de recuperá-lo, com o apoio da comunidade e de auxílio federal obtido mediante atuação legislativa de seu amigo Deputado Epílogo de Campos.

Lançou-se ele a febril atividade profissional, tanto na sede municipal, como no interior do município e em localidades de municípios vizinhos, como Juruti, Oriximiná e Faro. Consolidando-se profissionalmente, grangeou ao mesmo tempo sólido apoio da sociedade local, que estimulava seu trabalho benemérito, pois como médico não media esforços para atender a pessoas carentes sem cogitar de retribuição financeira, como bem ressaltam alguns depoimentos que pude recolher e que integram o texto do elogio a ele proferido em sessão solene da Academia de Medicina do Pará em 26 de junho de 1993, posteriormente publicado no volume IV dos Anais do nosso silogeu.¹

Concomitantemente, exerceu o magistério secundário no Colégio São José, tradicional e importante estabelecimento de ensino de Óbidos.

Tão amplo e sólido era o prestígio grangeado pelo médico Raymundo da Costa Chaves, que acabou ele sendo induzido à carreira política. Naquela conjuntura, somente o seu nome seria capaz de reunir a preferência do eleitorado local e vencer o poderoso Partido Liberal que ali dominava, como em todo o Estado do Pará.

Eleito Prefeito Municipal com uma larga margem de votos, iniciou criativa e fecunda administração, dando prioridade à educação, à saúde e à infraestrutura física. Remodelou a sede municipal, instalando modelar sistema de abastecimento de água, apoiado em financiamento da Caixa Econômica Federal, numa época em que não existia nenhum programa especificamente voltado para a infraestrutura como nos dias de hoje. Construiu nova usina de geração de energia elétrica, com a respectiva rede, que abastecia a cidade sem interrupção durante as 24 horas. Óbidos e Santarém eram, assim, as duas únicas sedes municipais do Baixo Amazonas a desfrutar de tal privilégio. Investiu no setor Educação, construindo unidades escolares de alto padrão, como o Colégio José Veríssimo na sede municipal, e outros, menores, pelo interior. Realizou um governo de trabalho e paz, consolidando seu prestígio político, tornando-se a maior liderança local até o final de seus dias.

Terminado o quadriênio de Prefeito Municipal, foi eleito, mediante consagrada votação, Deputado Estadual pelo município de Óbidos. Na Assembleia Legislativa do Estado teve destacada atuação em plenário e, sobretudo, nos trabalhos das comissões técnicas, onde sua competência e amplo conhecimento dos problemas do Estado alicerçavam sólidos e brilhantes pareceres.

Candidato à reeleição, já sentindo os primeiros sintomas da enfermidade que lhe arrebataria a vida, obteve novamente expressiva vitória, embora houvesse realizado uma discreta campanha eleitoral.

Durante os dois mandatos de Deputado Estadual teve, obviamente, de fixar domicílio legal na capital, onde continuou a exercer sua Medicina, dispensando, porém, permanente e carinhosa assistência ao Município de Óbidos e a toda a região do Baixo Amazonas.

Investigando sua passagem por nossa Assembleia Legislativa, deparei-me nos jornais da época com o registro do projeto de lei que apresentou, depois convertido em lei, doando à Fundação Pestalozzi

do Pará amplo terreno situado à Av. Almirante Barroso, onde ainda hoje encontra-se sediada essa benemérita instituição.

No exercício de seu mandato, depois de longo sofrimento, mas cercado pelo carinho e conforto de seus familiares, passou à eternidade no dia 11 de janeiro de 1960.

Como prova da imensa gratidão do município a que tão nobremente serviu, a municipalidade de Óbidos decidiu mudar a denominação da antiga Rua General Deodoro, onde havia instalado o seu consultório particular, para Rua Deputado Raymundo Chaves.

E quando, em 1987, foi-me confiada a criação de nossa Academia de Medicina do Pará, tive a boa lembrança de sugerir fosse ele homenageado como Patrono de uma de suas Cadeiras, a de número 17, sugestão acatada pela douta Comissão incumbida de sua organização.



Raymundo da Costa Chaves



Patrono da Cadeira n^o 17

Consagrávamos, assim, a figura altamente representativa de toda uma geração de abnegados esculápios irresistivelmente vocacionados ao exercício heroico e desprendido da Medicina interiorana no rincão amazônico, indiscutivelmente autêntico sacerdócio.

Referência

1. CHAVES, L. C. L. Raimundo da Costa Chaves: uma vida dedicada à Medicina no interior do Pará. **Anais da Academia de Medicina do Pará**, Belém, v. 4, 1993, p. 23-37.

